

## Entrevista

### *Interview*

Entrevista com a Sub-reitora de Graduação Tania Netto

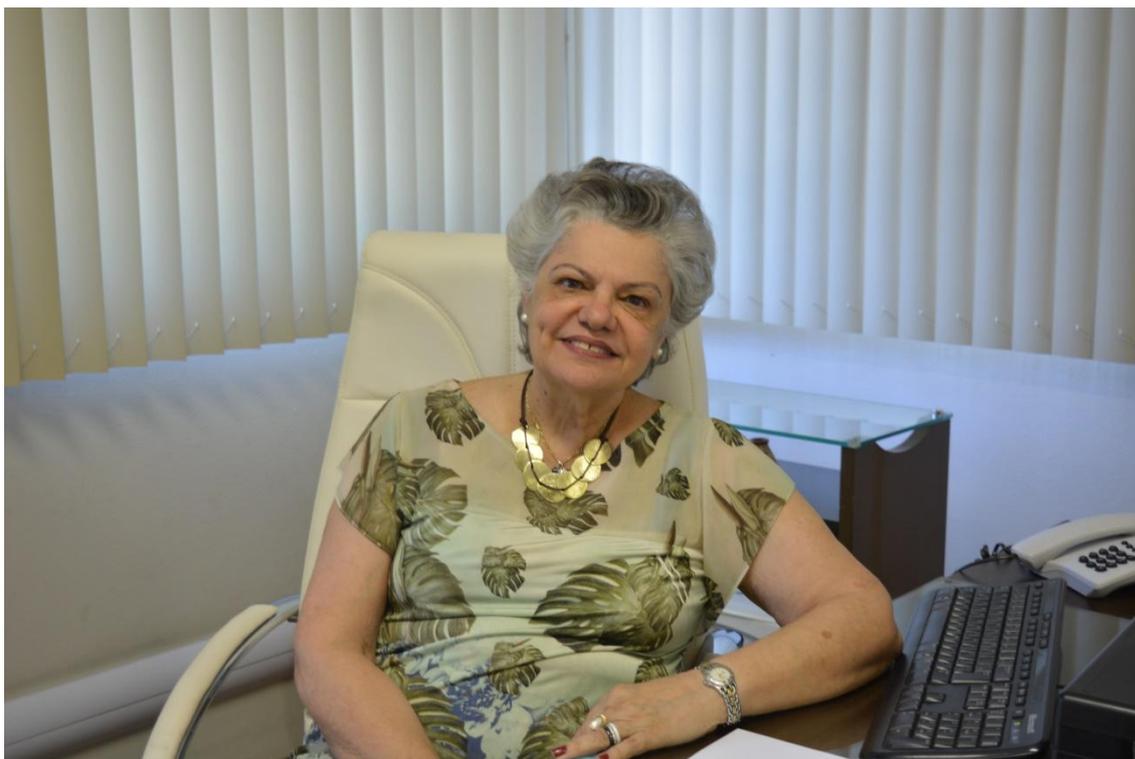


Foto: Acervo/COMUNS - UERJ

**Interagir:** Cara professora Tania Netto, agradecemos imensamente por nos receber. Estamos muito felizes por abrir o número 22 da Revista Interagir com uma ex-editora da revista. Conte-nos um pouco sobre essa experiência.

**Tania Netto:** Eu gostaria de dizer que estou muito encantada e muito honrada por ter sido convidada para fazer essa entrevista para a revista Interagir, pois, durante os quatro anos que estive no Depext, na SR3, fui editora da revista. Esse foi o período em que a professora Georgina, nossa magnífica Vice-Reitora, era a Sub-Reitora de Extensão e apoiou, de todas as formas possíveis, a revista Interagir e as ações do Departamento de Extensão. Por isso fico muito feliz por ter participado dessa história, de ter colaborado

nessa trajetória! E compreendo que o trabalho que está sendo feito atualmente é para que essa revista tenha, ainda, maior escala, em termos até de avaliação. Estão todos de parabéns! Durante o período em que estive no Depext, na coordenação da editoria da revista, nós lançamos muitos números, pois fizemos um trabalho de divulgação, indo a todos os fóruns de Extensão, o Forproex. Fomos com a professora Georgina e com a professora Lúcia Assis, diretora do Depext à época. Recebemos convites de quase todas as universidades públicas, em diferentes regiões do Brasil, para fazer o lançamento das novas edições. Isso aconteceu porque incorporamos artigos e contribuições de grande número de professores ligados aos programas extensionistas no Brasil inteiro. Foi um momento muito iluminado. Os estagiários, do Depext, costumavam perguntar: “Por que não tem um artigo do Pará? No Pará não se faz extensão? E por que não tem artigo do Maranhão?” Por causa desse “empurrão” dos estagiários, fomos entendendo e ampliando esse protagonismo para outros lugares. Houve uma vez, inclusive, que o senador Cristóvão Buarque de Holanda foi chamado para compor uma mesa no lançamento da Interagir na UFMG. Então, eu acho esse trabalho muito importante e, mais ainda, pela UERJ ser uma universidade com ações extensionistas de grande valia, de muita relevância e, conseqüentemente, de muito reconhecimento. Por isso tudo, acho que a UERJ tem uma responsabilidade, tem um protagonismo diferenciado, não só pelas ações, como pela relevância que ela atribui a essas ações extensionistas. Afinal, não basta dizer que somos uma universidade socialmente referenciada. Essas ações comprovam quão referenciada ela é e o quanto essas ações extensionistas são reconhecidas. Eu me orgulho de ser professora dessa casa, me orgulho da minha trajetória aqui dentro, me orgulho de nunca ter saído de sala de aula. Meu cargo base é docente, então, por onde quer que eu tenha passado, durante todos esses anos, eu tive a lucidez e o compromisso de não deixar que nenhum cargo de gestão tirasse de mim o desejo de continuar sendo aquilo que é o meu ofício, que é ser professora!

**Interagir:** Você lembrou bem sobre o papel da extensão em nossa universidade, que se constitui como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a

pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. De que modo o trabalho da Sub-reitoria de Graduação pode contribuir para essa articulação?

**Tania Netto:** Eu acho que é fundamental não só o trabalho da Sub-reitoria de Graduação, mas o trabalho integrado entre as três Sub-reitorias. Nós temos bolsas estudantis que são tipificadas como bolsas da SR1: Estágio Interno Complementar, Monitoria e Iniciação à Docência; temos as bolsas de Extensão e as bolsas de Iniciação Científica. Um aluno não pode acumular todas essas bolsas, ele tem um tempo para permanecer em cada uma dessas modalidades. O que seria o meu grande sonho pedagógico e educativo é que o aluno tivesse a possibilidade de passar por todas essas bolsas, ao longo da sua permanência na Universidade, ao longo de sua formação. Enfim, que ele pudesse enxergar essa riqueza que é a formação diversificada, que uma universidade, comprometida como a UERJ oferece como formação crítica e de qualidade. No entanto, às vezes, não dá. Então, eu acho que a SR1 tem um grande compromisso que é o de mostrar para esses alunos, através das grades, desses desenhos curriculares, uma centralidade e um destaque que os próprios documentos oficiais cobram, de conferir às atividades extensionistas uma carga horária curricular que não seja somente atribuída ao professor, enquanto ação com projeto cadastrado. Acho que essas atividades poderiam e deveriam ser ampliadas, já que os alunos estão envolvidos e recebem bolsa, e também, deveriam estar efetivamente cotejadas nos desenhos curriculares da universidade. Agora, por força da Resolução 02, de 2015, do CNE, nós estamos fazendo a reforma dos currículos dos cursos de licenciatura e esse tema tem sido uma discussão proposta pela SR3, através do Depext, encampada por nós, da SR1, dentro desses novos desenhos: as novas grades curriculares, para haver creditação das atividades extensionistas. Isso, talvez, seja o grande pulo do gato nesse momento – esse reconhecimento. Mas, aí, temos que romper algumas dificuldades. Os currículos são desenhados por cada uma das unidades acadêmicas, devendo congregarem, no meu modo de ver, as três pontas que constroem essa formação, que são os estudantes, os professores e os técnicos administrativos. Eu sei que vamos ter muitos desenhos diferenciados nessas licenciaturas, mas com o que a UERJ tem

que estar preocupada neste momento? Tem que se preocupar em dizer, em sinalizar, primeiro para ela mesma e depois para a sociedade, qual é o desenho de formação de professor que ela quer, comprometido com o quê? E aí sim, a creditação da extensão passa a ter uma importância muito grande, porque a universidade não está aqui somente dentro de seus próprios muros, e nem somente para preparar estudantes para serem profissionais. Em um mundo que precisa urgentemente de novos sujeitos transformadores, ela não pode só estar voltada, unicamente, para o conteúdo “teórico” da formação específica. Ela precisa também ter nesse conteúdo outras transversalidades que atravessam a teoria para formar esse novo cidadão, modificador ou, pelo menos, um grande lutador das modificações do *status quo* presente. Então, se isso for feito, e se a extensão, a pesquisa e os cursos de graduação - bacharelado e licenciatura - derem conta desse seu desafiador e importante papel, certamente, nós estaremos escrevendo, através da educação universitária da UERJ, uma cidadania acadêmica plena e diferenciada.

**Interagir: Explique-nos um pouco sobre a creditação.**

**Tania Netto:** Primeiro é importante dizer que o processo de renovação e de reforma das licenciaturas está em curso de modos diferenciados. A SR1 convidou alguns colegas de diferentes unidades e distintas áreas de conhecimento para fazer uma comissão ad hoc para analisar detalhadamente o texto da Resolução 02, de 2015, do CNE e para verificar o que seriam os pontos fundamentais sem os quais não teremos os nossos cursos aprovados. A partir daí, será editado um documento que a SR1 vai oferecer a todas as unidades acadêmicas como se fosse um fio orientador e, cada unidade acadêmica, dentro da sua autonomia, vai escolher esse desenho pedagógico e curricular para formar esse novo professor, não ferindo a lei e, ao mesmo tempo, fazendo uso de sua própria criatividade. Estão sendo também convidados a participar dessa comissão todos os professores indicados pelas unidades acadêmicas como coordenadores de licenciatura que compõem o Colegiado das Licenciaturas, importante fórum para a realização desses debates. Essa discussão está sendo extremamente rica, altamente democrática e colegiada. Nós temos embates, temos posições, por vezes antagônicas, o que é muito bom, porque a

gente só cresce, só amadurece quando se pratica a democracia. E a democracia não tem uma voz só. Como dizia Paulo Freire, você não conhece tudo, você não nasce sabendo, é junto, com o outro, que você aprende a crescer e vai incorporando novas oportunidades de aprendizado e vai também transferindo aquilo que já conhece. Acho que agora é um momento difícil, mas também iluminado. Tenho certeza de que todas as unidades acadêmicas vão fazer reformas curriculares das licenciaturas cada uma com o seu tom, seu colorido, mas, também, com muita competência técnica. Juntamente a isso, temos o que é chamado de creditação. O que é creditação? É colocar dentro dos desenhos curriculares as ações de extensão reconhecidamente creditadas. Elas podem ser creditadas de várias formas e, aí, não haverá uma imposição de uma forma. Cada unidade acadêmica vai fazer esse crédito da atividade extensionista de maneiras diferenciadas umas das outras. Vai querer que um projeto extensionista cadastrado, possa a vir se transformar em disciplina? Em uma disciplina eletiva ou obrigatória? Outras possibilidades certamente irão surgir e isso está sendo razão de muito burburinho, mas o importante é: que essa questão que até então não havia sido resolvida está sendo enfrentada e eu tenho certeza de que ela chegará a um bom termo e vamos poder, finalmente, creditar, dentro dos desenhos curriculares, as ações extensionistas em nossa casa.

**Interagir:** Outro tópico que gostaríamos que esclarecesse é sobre a questão das bolsas. É um assunto de muita dúvida entre os alunos. Apreciaria que nos falasse sobre o CETREINA e sobre as particularidades das bolsas de estágio – Estágio interno complementar, Monitoria e Iniciação à docência – em relação às bolsas de Extensão.

**Tania Netto:** Não há diferença. Elas fazem parte de um Ato Executivo que é o Programa de Bolsas Auxílio da nossa universidade e nele estão contempladas bolsas cujas modalidades estão afeitas à SR1, à SR2 ou à SR3. É importante dizer que as bolsas não são concedidas aleatoriamente ou porque a gente gosta ou não gosta de algum professor e de algum aluno. Elas são projetos cadastrados, em cada uma dessas Sub-Reitorias, anualmente, sofrem processo de avaliação, tanto para os que se apresentam como novos, aqueles que estão sendo indicados pela primeira vez, quanto para aqueles que

permanecem, que estão sendo renovados. Estes precisam apresentar relatórios, que servem para transcrever a relação das atividades realizadas naquele ano e (tanto o professor quanto o aluno contribuem no relatório de avaliação do projeto), evidenciando de que modo o estágio impactou na vida acadêmica e pessoal do aluno. É um processo altamente importante e relevante, na medida em que ele é sério, prevê uma avaliação e que essa avaliação junta as duas pontas – aluno e professor – e as ações do projeto. Com relação à SR1, nós temos três modalidades de bolsas até o momento: Iniciação à Docência, Monitoria e Estágio Interno Complementar. Para a de Estágio Interno Complementar podem se candidatar alunos de qualquer curso, desde que o projeto cadastrado indique que precisa de um estudante da área em questão, o que depende da demanda das ações e das atividades do projeto. A Iniciação à Docência é um projeto que os professores cadastram, preocupados, especialmente, com as ações junto às escolas públicas e à educação básica. O projeto envolve estagiários que preparam materiais pedagógicos e instrucionais de modo que possam ajudar a Escola e o Ensino básico. Muitas dessas ações de Iniciação à Docência são desenvolvidas interna e externamente. Muitas delas visam, através dos estagiários e do professor supervisor do projeto, à maximização do ensino e da aprendizagem, que a gente sabe que são processos diferenciados e nem sempre acontecem simultaneamente. Essa bolsa vai permitir ao projeto e ao aluno fazerem essas ações na universidade voltadas para a Educação básica – criação de novos instrumentos de apoio ao professor e aos alunos em sala de aula. Todas as áreas, da medicina ao direito, das áreas humanas às tecnológicas, todas oferecem a bolsa de Monitoria. O monitor é um aprendiz de um ofício muito importante, o ofício de ser professor. Você, para poder se dizer professor e para dizer que você pratica e professa seu ofício, tem que ter muito compromisso. Não é qualquer pessoa que pode ser professor. Você precisa amar, acima de tudo, isso que faz. Então, a bolsa de Monitoria é aquela em que o professor disponibiliza um tempo precioso com esse estudante que quer aprender, mais e melhor, sobre as ações didático-pedagógicas referentes ao exercício do magistério nos laboratórios, em salas de aula ou em ações externas. Esse Monitor não substitui o professor, mas, junto com ele, adquire as competências necessárias para essa

formação. Quando ele vai para uma bolsa de Monitoria, já está demonstrando ao professor, e a ele mesmo, que se interessa por aquela área de atuação profissional. Com relação às bolsas de Extensão e de Iniciação Científica, aí é importante registrar que a UERJ tem duas modalidades de Iniciação Científica. Temos as bolsas de Iniciação Científica para os alunos dos cursos de graduação e licenciatura e temos as bolsas de Iniciação Científica Júnior para os alunos do CAP. Os alunos do CAP recebem metade do valor dessa bolsa de Iniciação Científica e , participam de ações junto a pesquisadores. Temos um grande contingente de alunos da área de Iniciação Científica Júnior que estiveram atuando junto à Fiocruz. Todas essas modalidades de bolsas proporcionam não só um aprendizado de cidadania, como também um aprendizado político e de ampliação da cidadania acadêmica dos estudantes. É verdade que o termo está muito desgastado nos tempos atuais, tempos de crise moral e ética, deixando um rastro de valorações que não são adequadas a ela; mas eu acho que esse também é um momento de aprendizado político tanto na formação geral, quanto em sala de aula, com estudantes aprendendo com professores que têm qualidade, que se dedicam, que publicam, que percorrem todos esses caminhos – ensino, pesquisa e extensão – no seu exercício profissional docente, muito embora eu respeite aqueles docentes privilegiam estar em sala de aula e não se envolvem tanto com as outras ações de pesquisa e/ou extensão. Mas é certo que essa trajetória de participar de um programa de bolsas é enriquecida não só para o docente quanto para os discentes.

**Interagir:** Você tem essa objetividade, essa clareza, essa capacidade de articular o que parece complexo com muito amor pelo que você faz. Poderia nos falar um pouco sobre isso?

**Tania Netto:** Esse ano eu fiz 70 anos. Tenho muito orgulho em dizer isso porque metade desse tempo passei dentro da UERJ. A UERJ não é qualquer instituição para mim. Ela é a minha casa também. Eu tenho a minha casa de nascimento, minha origem, a casa que eu fundei, os amores que eu escolhi, lá e aqui, e eu tenho uma outra casa por escolha afetivo profissional, que é a UERJ. Eu amo essa casa. Eu amo o que eu faço. Eu sou

professora por escolha de vida! E é por isso que eu comecei a nossa entrevista dizendo que eu nunca saí de sala de aula. Eu posso estar em muitos outros lugares, pois já passei por muitas experiências riquíssimas nessa universidade. Venho de uma família pobre, mas a escola pública me possibilitou chegar aonde cheguei, escola pública essa que era muito valorizada por minha família. Estudar, respeitar os professores, cuidar bem dos livros, ler, era muito importante na casa dos meus pais. Esse era o grande patrimônio que meus pais diziam que deixavam aos filhos. E eu amo ser professora. Talvez esse seja o segredo. Eu fui descobrindo aos poucos, e hoje tenho certeza desse amor ao magistério.

**Interagir:** Depois de ouvir você falar sobre sua trajetória na escola pública, como você está avaliando esse momento de grave crise e desfinanciamento da educação pública, gratuita e de qualidade em nosso estado e em nosso país?

**Tania Netto:** Eu nem acho que é desfinanciamento. Acho que desfinanciamento é a face que aparece de um projeto cujo nosso ilustre mestre, o Professor Darcy Ribeiro dizia anos atrás: a crise na educação não é uma crise, é um projeto. É um projeto de destruição do que é público para todos, não para alguns. A saúde e a educação têm sido alvo central dessa destruição, cuja face mais aparente é o desfinanciamento. Quando você mata por inanição, você tem certeza da morte. Quando você não dá voz, quando você não financia, quando você persegue aqueles cujo ofício é ensinar para mudar o *status quo*, e constrói mais cadeias que escolas, está claro aonde você quer chegar. É por isso que, com 70 anos, eu não consigo sair de sala de aula. Porque eu tenho que colocar a minha voz, eu tenho que colocar meu amor pela educação, a serviço da educação pública. Enquanto eu tiver força para isso, estarei no *front*. E o meu *front* de luta e de realização é a sala de aula.

**Interagir:** Obrigada, professora Tania, pela gentileza de nos receber e conceder essa entrevista tão esclarecedora. Agradecemos, também, por compartilhar conosco sua história de amor e dedicação pela UERJ.